

Multidão-povo: a propósito da tomada das praças ao redor do mundo em 2011

[Multitude-people: the takeover of the squares around the world in 2011]

PINTO, Céli Regina Jardim

Doutora em Ciência Política pela Universidade de Essex. Professora e pesquisadora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
*[PhD in Political Science from University of Essex
Professor and researcher at the Department of History
at Rio Grande do Sul Federal University]*
<celirjp@gmail.com>

RESUMO

O tema deste artigo são as manifestações e ocupações de rua que se espalharam pelo mundo em 2011, atingindo a Europa, o mundo árabe, os Estados Unidos e a América Latina. O trabalho parte do pressuposto que estes acontecimentos extrapolam as conhecidas manifestações da sociedade civil ou os antigos eventos organizados por partidos de esquerda ou sindicatos -, estes últimos, na maioria das vezes, com demandas meramente corporativas. O artigo está dividido em duas partes: na primeira, serão examinadas as questões teóricas relacionadas, como as categorias da sociedade civil, multidão e povo. Na segunda, serão examinados exemplos escolhidos entre os acontecimentos do ano de 2011, à luz das questões levantadas na primeira parte. Os exemplos escolhidos são das manifestações na Espanha (Madrid), no Egito, no Iêmen e no Chile.

Palavras-chave: sociedade civil, multidão, povo, manifestações, 2011.

ABSTRACT

The subject of this paper are the street demonstrations and occupations that spread around the world in 2011, reaching Europe, the Arab world, the United States and Latin America. These type of demonstrations go beyond the already known manifestations of civil society or the past events organized by leftist parties or labor unions - which used to be merely associated with corporate demands. The article is divided into two parts: the first examines the theoretical questions related to the categories of civil society, the multitude, and people. The second analyzes examples chosen from the events of 2011 in the light of the issues raised in the first part. Examples include the demonstrations in Spain (Madrid), Egypt, Yemen, and Chile.

Keywords: civil society, multitude, people, manifestations, 2011.

Multidão-povo: a propósito da tomada das praças ao redor do mundo em 2011

PINTO, Céli Regina Jardim

As manifestações populares ocorridas no ano de 2011 na Europa, no norte da África, no Oriente Médio e na América Latina trazem uma importante novidade que merece atenção dos analistas e cientistas sociais: em países tão diferentes como Espanha, Egito, Tunísia, Iêmen, Chile, jovens promoveram grandes manifestações nas principais cidades, clamando por justiça, liberdade, fim do desemprego e fim da corrupção. Colocaram-se contra a política institucionalizada tal como acontecia em todos os países, guardadas as significativas diferenças entre eles.

Nas últimas décadas, tomando os mais diversos cenários (democráticos ou ditatoriais), o campo político tem tido uma vivência endógena, decorrência de duas situações: a primeira relacionada com o próprio campo, que vem enfrentando crises sistêmicas na economia, corrupção generalizada, descrédito nos partidos políticos e afastamento entre representantes e representados, no caso de países com regimes democráticos. A segunda situação refere-se aos próprios cidadãos, que descreditaram na política, ausentaram-se da vida partidária e mesmo da tomada de posição ideológica. Em países com governos ditatoriais, como o Egito, a Líbia e Iêmen, as manifestações anti-governo resumiram-se a atos de guerrilha por muitos anos.

Somou-se a este quadro a hegemonia neoliberal que varreu o mundo, menosprezando o público e o político e enaltecendo a vida e as atividades privadas. O associativismo político cedeu lugar às

atividades fragmentadas em movimentos sociais e em ONGs – estas últimas, algumas vezes, de caráter francamente filantrópico. Um certo tipo de ativismo minimalista e cômodo virou moda: o ato de fechar a torneira ao lavar os dentes tornou-se quase tão importante como votar nas eleições nacionais, pertencer a um partido político, frequentar sindicatos ou comparecer a manifestações públicas. As manifestações de 2011 inverteram esta lógica, as pessoas foram para as ruas demandar aos governos, ou lutar por suas derrubadas. Havia avaliações políticas por parte destas pessoas e o ato de saírem às ruas foi também, eminentemente, político.

O objetivo deste artigo é buscar entender o fenômeno que se espalhou pelo mundo em 2011 e que extrapola as conhecidas manifestações da sociedade civil ou os antigos eventos organizados por partidos de esquerda ou sindicatos, estes últimos, na maioria das vezes, com demandas meramente corporativas. Não pretende, entretanto, reconstituir a história destes eventos nem possíveis relações de causa e efeito entre eles, inclusive não obedecerá à cronologia dos acontecimentos. Também não há a pretensão de construir uma teoria a partir dos eventos, mas pontuar o surgimento de um fenômeno novo e buscar indicações iniciais para entendê-lo.

O artigo está dividido em duas partes: na primeira, serão trabalhadas as noções de multidão e povo vis-à-vis a de sociedade civil. Na segunda, serão examinados exemplos escolhidos entre os acontecimentos do ano de 2011, à luz das questões levantadas na primeira parte.

1. *Multidão-povo vis-à-vis sociedade civil*

As manifestações ao redor do mundo em 2011 tiveram um caráter político e esta é uma diferença fundamental em relação às manifestações e movimentos da sociedade civil das décadas 1980 e 1990. Após o surto de politização da sociedade civil nos países do leste europeu na década de 1980, a ideologia neoliberal e as novas formas de democracia participativa reservaram à sociedade civil o papel de parceiro despolitizado. O surgimento do terceiro setor como substituto do Estado e a profissionalização dos movimentos sociais através das ONGs (apresentando-se pelo mundo como apolíticas e não-ideológicas) asseguraram a estes atores um espaço de interlocução e mesmo de poder, em troca desta despolitização. Os movimentos da segunda década do século 21 inauguram um novo ciclo da história das sociedades civis ocidentais fortes ou não-ocidentais e fragilizadas. Ambas estão sendo igualmente abaladas como interlocutores, mesmo que no caso dos países ditatoriais esta interlocução tenha sido quase inexistente.

Estudiosos da sociedade civil já haviam percebido os limites da mesma nos primeiros anos do novo século. Andrew Arato encontrou um papel político para sociedade civil no momento de crise e de desorganização do Estado quando analisou o fim do regime socialista da Europa do leste encontrou um papel político para sociedade civil no momento de crise e de desorganização do Estado. Mas, ao desenvolver seu argumento mostra os limites deste mesmo papel ao afirmar:

Independente da pressão por abertura para a sociedade civil originalmente ter vindo de baixo como na Polônia, de cima como na União Soviética, ou envolvendo ao mesmo tempo abertura a partir de cima e atividades autônomas a partir de baixo como na Hungria, é agora mais ou menos uma sabedoria aceita

que a auto organização [sic] da sociedade contra o estado não pode representar o processo central de transição para a democracia (ARATO, 2000, p. 45 – tradução livre)¹.

Já Iris Young, partindo de outra perspectiva, também discute as possibilidades e os limites da sociedade civil quando examina duas trajetórias necessárias para processos de inclusão social: a do autodesenvolvimento e a da autodeterminação. A primeira refere-se às condições econômicas, sociais e políticas; a segunda, à identidade ao autorreconhecimento. Em relação à primeira, afirma:

Eu argumento que a vida associativa da sociedade civil somente pode avançar valores de autodesenvolvimento minimamente. Porque muitas das injustiças estruturais que produzem opressão tem seus recursos em processos econômicos, instituições estatais são necessárias para minar esta opressão e promover autodesenvolvimento (YOUNG, 2000, p.156 – tradução livre)².

Reconhecendo, pois, seus limites, ainda assim, atribui à sociedade civil um importante papel na construção coletiva:

Em suma, pessoas coletivamente exercitam em variadas formas poderes positivos através da sociedade civil. Pessoas atuando na sociedade civil para desenvolver novas ideias, disseminar práticas alternativas, ou organizar crítica pública do estado e do poder econômico (...). Eles convidam membros da sociedade para discutir problemas tanto pra mudar

¹ “Whether the pressure for opening to civil society originally came from below as in Poland, from above as in Soviet Union, or involved both openings from above and autonomous activities from below as in Hungary, it is now more or less accept wisdom that the self-organization of society against the state cannot represent the central process of the transition to democracy”.

² “I argue that associational life of civil society can only minimally advance values of self-development. Because many of the structural injustices that produce oppression have their sources in economic process, state institutions are necessary to undermine such oppression and promote self-development”.

políticas de estado ou corporativas, ou para promover mudanças na sociedade diretamente. Todas estas atividades referem-se ao valor de auto determinação, o aspecto primário da justiça social que a atividade associativa fora do estado e da economia promove” (YOUNG, 2000, p.180 – tradução livre)³.

Young, identifica, portanto, a capacidade da sociedade civil criar espaços para discutir problemas e fazer demandas. Sem citar Habermas, a autora atribui à mesma a habilidade de constituir a esfera pública, que tem influências, que forma identidades, mas que não tem poder de decisão⁴.

Uma terceira posição que contribui para a discussão sobre sociedade civil é a da cientista política indiana Neera Chandhoke, que desenvolve uma severa crítica à visão da sociedade civil como, intrinsecamente, portadora de projetos democráticos e igualitários. Para ela, a sociedade civil não é algo dado, que acontece historicamente, independente dos atores nela envolvidos. Aponta para uma espécie de *whishful thinking*, no qual a sociedade deveria a partir de uma vocação “para o bem” cumprir o papel que ela, na verdade, não teria condições:

Talvez o descompasso entre teoria e prática seja devido ao fato de que teóricos da sociedade civil embaralham-se entre o que a sociedade civil é, e o que idealmente

³ “To summarize, people collectively exercise positive power through civil society in a variety of ways. People acting in civil society to develop new ideas, disseminate alternative practices, or organize public criticism of state and economic power, from solidarities for both the privileged and the relatively disadvantaged. They invite members of the society to discuss problems either in order to change state or corporate policy, or to foster change in society directly. All these activities refer to the value of self-determination, the primary aspect of social justice that associative activity outside state and economy promotes”.

⁴ Neste sentido, Young caracteriza a sociedade civil de forma muito próxima a Habermas quando este afirma: “O núcleo da sociedade civil forma uma espécie de associação que institucionaliza os discursos capazes de solucionar problemas, transformando-os em questões de interesse geral no quadro de esferas públicas” (HABERMAS, 2003, p.99).

deveria ser, entre um momento analítico e o prescritivo (CHANDHOKE, 2003, p.36 – tradução livre)⁵.

A cientista política indiana vê limites na sociedade civil tanto como ator político, como na sua versão “ONG`s-terceiro setor”, caracterizando-a como um conjunto heterogêneo, com posições e poderes diferentes um em relação ao outro. Seu texto é muito claro:

Longe de ser o reino da solidariedade e de calorosa interação personalizada, é em si fragmentada, dividida, um reino hierarquicamente estruturado. Aqui nós encontramos organizações da classe dominante ao lado de dominados que batalham por sobreviver (CHANDHOKE, 2003, p.65 – tradução livre)⁶.

O espaço de ator protagonista da sociedade civil nas décadas de 1980 e 1990 foi marcado por condições favoráveis, que dificultaram a perspectiva crítica apontada acima. Este entusiasmo não era fora de propósito: a forte presença do neoliberalismo, a crise do império soviético e as novas experiências democráticas na América Latina e África trouxeram a sociedade civil para o centro dos acontecimentos.

No entanto, tal protagonismo não pode ser atribuído, exclusivamente, a uma poderosa ação dos representantes do neoliberalismo, pois ele também aconteceu em países então comunistas e nos que viviam baixo ditaduras militares de extrema direita. Em todas essas circunstâncias, o fechamento ou a

⁵ “Perhaps the gap between theory and practice is due to the fact that theorists of civil society shuffle between that civil society is and what it ideally should be between the analytical and the prescriptive moment”.

⁶ “Far from being the realm of solidarity and warm personalizes interaction is itself a fragmented, divided and a hierarchically structured real. Here we find organizations of the dominant classes existing alongside organizations of the dominated who battling for survival [...]”.

desqualificação dos espaços da política provocou a proliferação das organizações da sociedade civil, que se espalharam em um espaço vazio entre o Estado (encastelado em projetos fechados) e o mundo privado da economia. Nos países capitalistas, o neoliberalismo, mais do que uma experiência econômica, foi um projeto político de desestruturação das esferas estatais e, com elas, da própria política – que articulava-se discursivamente em duas vertentes: desqualificação dos serviços públicos e das ideologias políticas. A crise fiscal do Estado foi de tal forma associada à política que houve um processo muito rápido de despolitização.

As organizações da sociedade civil apareceram, neste cenário, tanto como substitutas do Estado, através de ONG's prestadoras de serviços, como substitutas da participação política, através dos movimentos sociais e de ONG's defensoras de causas, que, teoricamente, ultrapassavam posições político-ideológicas como o feminismo, causas ambientais, luta contra a homofobia e contra o racismo. Tratar estas lutas como não-políticas foi uma forma de proteger o campo político da “ameaça” que estas novas forças e demandas representavam para as elites brancas, masculinas e, publicamente, heterossexuais.

O cenário que estas organizações envolvem é complexo, variando desde uma pequena ONG local que reúne pouco mais de uma dezena de pessoas até organismos internacionais com orçamentos milionários e filiais em muitos países, principalmente no sul global. Difícil seria afirmar que todas estas organizações mantêm o mesmo tipo de relação com o Estado e com a política: há organizações que têm poder em relação ao Estado, principalmente em países de grande pobreza, e há outras que dependem dele para sua sobrevivência. Apesar disso, elas frutificaram um discurso a-político e a-ideológico,

que se agudizou com o tempo e com a maior institucionalização destas organizações.

Os eventos de 2011 interrompem essa trajetória, recolocando a sociedade em uma nova posição em relação aos espaços públicos e ao campo político, tanto em países sem tradição democrática como os da África do norte e do Oriente Médio, como nas democracias da Espanha e do Chile e mesmo dos Estados Unidos. Todas as manifestações foram escancaradamente públicas e políticas, tiveram objetivos concretos e inimigos (adversários) bem definidos. Em recente artigo sobre os acontecimentos de 2011, Benoit Challand argumenta que estas manifestações representam um contrapoder da sociedade civil, que carrega em si um potencial revolucionário. Segundo o autor, está em formação um novo imaginário, diferente do que até agora havia sido visto no interior da sociedade civil:

Se este imaginário político, permitindo esta nova subjetividade política, vencer e continuar a operar sua função agregativa, então nós estamos, provavelmente, a ver revoluções reais varrendo através do mundo árabe – e possivelmente além dele. Este imaginário em grande parte depende das renovadas forças da sociedade civil (o que eu chamo de contrapoder da sociedade civil) e nas suas contribuições espontâneas e constitutivas (CHALLAND, 2011, p. 272 – tradução livre)⁷.

Apesar de manter a noção de sociedade civil como o espaço de luta e articulação, no decorrer de seu texto Challand mostra como as manifestações tendem a se radicalizar, afastando-se da condição de

⁷ “If this political imaginary, enabling this new political subjectivity, carries the day and continues to operate its aggregating function, then we are likely to see real revolutions sweeping across the Arab world – and possibly also beyond. This imaginary in great part relies on the renewed forces of civil society (what I call the counter-power of civil society) and on its spontaneous and constitutive contributions”.

sociedade civil diversificada, para se tornar uma manifestação que pode visar à revolução, o que envolveria uma postura que envolve a própria negação da diversidade própria da sociedade civil. O texto de Challand é bastante ilustrativo:

De fato, uma vez faísca acesa, o povo tunisiano moveu como um todo em protestos de massa. Os povos egípcios, líbios e iemenita clamaram pela queda de seus respectivos regimes, o slogan “*ash-sha’b yourid al nithaam*” – em português “o povo quer a queda do regime” – captura a coesão social ao redor “do povo” (CHALLAND, 2011, p. 275 – tradução livre)⁸.

Challand introduz uma noção fundamental para o entendimento do processo que ocorreu em 2011, que é a de “povo”, que se constitui em oposição ao outro (no caso dos países árabes, ao regime), ou no caso espanhol e chileno, ao governo. Tal situação está muito distante do papel tradicional da sociedade civil, de suas potencialidades e limites. A positividade da existência do “povo” ocorre em oposição ao “não-povo”, isto é, ao poder a combater. Não há aqui nem a classe, nem as parcialidades constitutivas dos movimentos sociais (mulheres, negros, homossexuais, etc.). Este novo ator, pois, necessita ser examinado para que se possa ter um entendimento mais apropriado dos eventos em pauta.

2. A multidão e o povo

A noção de “povo” é fundamental para se compreender o que se passou nos diversos países em 2011. Challand percebe isto em seu

⁸ “Indeed, once the initial spark was lit, it was as the Tunisian people moved as a whole into mass protests. Egyptian, Libyan and Yemeni people called for the fall of their respective regime. The slogan “*ash-sha’b yourid al nithaam*” – in English ‘the people wants the fall of the regime’ – captures this social cohesion around “the people”.

oportuno artigo, mas não problematiza o estatuto da noção, além da rápida menção à sua condição política. Walter Mignolo, tratando de uma problemática diversa, introduz a noção de “multidão”, incorporando questões centrais para se pensar grandes movimentos e manifestações populares⁹:

Entendendo multidão não como um novo proletário, e sim como uma nova classe trabalhadora (...) em outras palavras, a nova e ampliada classe trabalhadora não é somente dos oprimidos porque se trata de uma classe operária, mas porque a maioria dos trabalhadores pertence ao grupo racial “equivocado” ou ao “gênero” inferior, ou ainda tem preferências sexuais “perniciosas” ou enfim a religião e o idioma equivocado” (MIGNOLO, 2010, p.101 – tradução livre)¹⁰.

O sociólogo argentino distingue a multidão do proletariado, sem perder a centralidade da questão do trabalho no sistema capitalista. O que, no entanto, parece problemático na sua definição é o caráter pré-constituído que dá à multidão, que parece ter existência independente da sua manifestação. Neste particular, aproxima-se do conceito de classe proletária que critica, retirando desta forma o caráter de novidade da manifestação da multidão – que é a sua constituição simultânea a própria manifestação, diferente da classe. Esta última pode ser identificada a partir de sua posição nas relações de produção, independente de organização ou “consciência”. O que

⁹ Walter Mignolo introduz a noção de “multidão” em seu alentado volume sobre a necessidade do sul global de descolonizar negando a modernidade imperial do norte global (MIGNOLO, 2010).

¹⁰ “entendiendo multitud no como un nuevo proletariado, sino como una nueva clase trabajadora (...). En otras palabras, la nueva e ampliada clase trabajadora no son solo los oprimidos porque se trata de una clase obrera, sino porque la mayoría de los trabajadores pertenecen al grupo racial “equivocado” o el “genero” inferior o todavía tienen preferencias sexuales “perniciosas” o en fin la religión o el idioma equivocado”.

Mignolo parece identificar é uma “multidão em potencial”, o que o aproxima da noção “luta de classe em potencial”.

Todavia, o que é importante reter aqui é que a multidão não é nem sociedade civil em forma de organizações, nem tampouco bandos reunidos ao acaso ou respondendo a uma simples palavra de ordem de um líder de ocasião¹¹. As pessoas se manifestam em grande número e reúnem-se porque têm posições políticas, ou condições concretas de vida que as mobilizam, sem que para isto sejam necessariamente militantes políticos partidários ou estejam vivendo em condições de absoluta precariedade.

A posição de Mignolo aproxima-se da de Antonio Negri no que se refere à noção de multidão. Walter Mignolo e Antônio Negri constróem conceitos de multidão a partir de proposta complexas, mas com pontos de partida muito diversos. Mignolo associa multidão ao processo de descolonização e Negri ao capitalismo global e imperial. Apesar das distinções, ambos não abrem mão da exploração do trabalho como uma condição central na constituição da dominação; avançam, entretanto, na questão da classe quando discutem a exploração. Associam a multidão à classe trabalhadora ao mesmo tempo que dela se distanciam. Negri afirma:

Multidão não é classe trabalhadora, note isto cuidadosamente, também é o conceito de classe trabalhadora – e é certamente o conceito de força de trabalho explorada, mas é mais extensivo que o

¹¹ Tais concepções se distanciam dos entendimentos críticos de Hannah Arendt e de mais atualmente Patrick Champagne. Arendt associa massa à totalitarismo; ao discutir o nazismo na Alemanha, afirma: “As massas não se unem pela consciência de um interesse e falta-lhes aquela específica articulação de classe que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis” (ARENDR, 1989, p. 361). Champagne vê as manifestações ocorridas na França nas últimas décadas do século 20 como “manifestações mediáticas” que são organizadas cuidadosamente para causar efeitos na opinião pública, através dos meios de comunicação” (CHAMPAGNE, 1993, p.192).

conceito de classe trabalhadora, porque como um todo a sociedade é dominada – e explorada – pelo capital, a multidão corresponde a esta dimensão social das explorações. A multidão não é o mesmo que classe trabalhadora porque as dimensões temporal e espacial da exploração têm sido completamente transformadas (NEGRI, 2008, p.46 – tradução livre)¹².

Negri, ao construir seu argumento, contrapõe a noção de multidão à de massa. Afirma que a multidão é e não é massa: não o é porque é uma “rede de singularidades”, mas é massa, porque se apresenta como “um comum massificado”. É nesta possibilidade de unidade que Negri vê a multidão como “a *potenza* do sujeito político” (2008, p. 47). Outra perspectiva sobre a política das “massas” é aquela que deriva da teoria do populismo desenvolvida por Ernesto Laclau. Diferentemente de Mignolo e Negri, Laclau não se refere à multidão, mas ao povo. Discutindo o populismo dentro desta perspectiva, Panizza assim define o “povo”:

Ao mesmo tempo lascivo e virtuoso, ao mesmo tempo irracional e a incorporação dos verdadeiros valores da nação, ao mesmo tempo uma ameaça à democracia e o suporte da soberania, visões de povo frequentemente mutuamente contraditórias e contestadas determinam o terreno político no qual políticas populistas lutam com seus inimigos para definir e redefinir quem é “o povo” e qual seu papel na sociedade” (PANIZZA, 2005, p.16 – tradução livre)¹³.

¹² “Multitude is not working class, note this carefully: it is also a concept of working class – and it is certainly a concept of exploited labour power, but it is more extensive than the concept of working class, because, inasmuch as the whole of society is today dominated- and exploited – by capital, the multitude corresponds to this social dimension of exploitations. The multitude is not the same of the working class because the temporal and spatial dimensions of exploitation have been utterly transformed”.

¹³ “Both lewd and virtuous, both the irrational and an embodiment of the nation’s true values, both a threat to democracy and the holders of sovereignty, contested and often mutually contradictory visions of the people determine the political terrain in which populist politics battles with its enemies to define and redefine who are “the people” and what are their role in society”.

Foge aos propósitos deste artigo discutir o embate em torno do conceito de populismo na ciência política contemporânea¹⁴, o que gostaria de reter aqui é a noção de povo trazida pela discussão aberta por Ernesto Laclau e recolocada por Panizza. A noção de povo nesta perspectiva acrescenta importantes aspectos à noção de multidão, sem retirar dela o elemento fundamental das diferenças esmaecidas pela luta contra um inimigo. As conclusões de Laclau em sua obra sobre populismo são esclarecedoras:

O que é decisivo para a emergência do “povo” como novo ator histórico é que, como o movimento equivalência/articulador, não procede de uma necessidade lógica pela qual cada demanda se conectaria com as outras, a unificação de uma pluralidade delas em uma nova configuração é constitutiva e não derivativa, quer dizer, é um ato no sentido estrito do termo, já que não tem sua fonte em nada externo a si mesmo. A emergência do povo como ator histórico é então, sempre uma transgressão da situação precedente (LACLAU, 2005, p. 284 – tradução livre)¹⁵.

Ao confrontar a noção de multidão de Mignolo e Negri com a de povo posta por Panizza e Laclau, verifica-se que todos incorporam a perspectiva de enfrentamento e luta por poder a partir da construção de uma unidade, que se posiciona como *outsider* ao poder constituído. A construção da unidade pressupõe a existência de

¹⁴ A noção de populismo tem sido alvo de discussões desde a década de 1960, com os textos de Gino Germani (1962) e as experiências na América Latina, onde o populismo era associado a um momento específico da história dos países chamados subdesenvolvidos. Atualmente, a discussão está em um nível bastante diverso nas teses desenvolvidas por Laclau (2005), Panizza (2005), Zizek (2011), Hermmet (2000), entre outros.

¹⁵ “Lo que es decisivo para la emergencia del “pueblo” como nuevo actor histórico es que, como el momento equivalencial/articulador no procede de una necesidad lógica por la cual cada demanda se conectaría con las otras, la unificación de una pluralidad de ellas en una nueva configuración es constitutiva y no derivativa, es decir, es un acto en el sentido estricto del termino, ya que no tiene su fuente en nada externo a sí mismo. La emergencia del pueblo como actor histórico es, entonces, siempre una transgresión de la situación precedente”.

sujeitos diferenciados anteriores a ela, o que Negri chama de singularidades. Deve-se aqui chamar atenção que estas singularidades têm vivências anteriores a partir das quais forma-se a multidão ou o povo no dizer de Laclau. Daí estas manifestações coletivas serem um momento complexo, muito diferente do que seria uma turba ou massa seguindo um líder de ocasião. Outrossim, trazem para o público a política e a disputa pelo poder, que haviam sido relegadas ao segundo plano no âmbito da sociedade civil e dos movimentos sociais. Mas há diferenças importantes entre estas noções: a primeira delas diz respeito ao caráter empírico que Mignolo dá à multidão; ela está já caracterizada por atores historicamente dados, enquanto Negri avança, identificando “rede de singularidades”. Ambos, porém, mantêm a noção de classe trabalhadora. Já o conceito de povo não pressupõe atores pré-constituídos, é contingente à condição dos indivíduos que se constituírem como povo; à classe trabalhadora não é atribuída nenhum status que lhe permita ser o agente articulador *per se*.

A noção de povo de Laclau é eminentemente política, o povo se constitui como tal na luta, ao contrário dos dois outros teóricos – que identificam o potencial da multidão independente do cenário político em que se manifesta. Povo, para Laclau, pressupõe um princípio articulador que minimiza as diferenças a partir da cadeia de equivalências que no seu limite torna-se um significante vazio:

Quanto mais estendida for a cadeia de equivalências, menos será a capacidade de cada luta concreta de permanecer encerrada em sua identidade diferencial – quer dizer, em uma diferença própria que a separe de todas as outras identidades diferenciais. Ao contrário, como a relação equivalencial mostra que estas identidades diferenciais são somente corpos que encarnam sem distinção possível algo igualmente presente em todos eles, quanto mais estendida for a cadeia de equivalência, menos concreto este “algo

igualmente presente” será” (LACLAU, 1996 p.79 – tradução livre)¹⁶.

É, pois, a lógica da equivalência que permite o significante vazio, bem exemplificado por Laclau quando explica a busca pela ordem:

A “ordem” como tal não tem conteúdo, já que só existe nas várias formas em que se realiza nos fatos: mas em uma situação de desordem radical, a “ordem” está presente como aquilo que está ausente; passa a ser um significante vazio, o significante desta ausência (LACLAU, 1996, p.84 – tradução livre)¹⁷.

Laclau parte da identificação do significante vazio para elaborar a noção de hegemonia, que aconteceria no momento em que certo grupo social ou político (instituído em um discurso) preenche o significante vazio fazendo com que os conteúdos particulares do grupo se tornem universais (LACLAU, 2006, p.83).

Apesar das distintas posturas teóricas de Mignolo, Negri e Laclau, todos os três contribuem para que possamos pensar os acontecimentos de 2011. Para reter o que estas três distintas contribuições trazem para entender os eventos, a partir deste momento usarei uma noção híbrida: multidão-povo. Não se trata de uma dificuldade de escolha, nem de uma soma de noções pura e

¹⁶ “[C]uanto más extendida sea la cadena de equivalências, menos será la capacidade de cada lucha concreta de permanecer encerrada en su identidade diferencial – es decir, en una diferencia propia que la separe de todas las otras identidades diferenciales. Al contrario, como la relación equivalencial muestra que estas identidades diferenciales son tan sólo cuerpos que encarnan sin distinción posible algo igualmente presente en todos ellos, cuanto más extendida sea la cadena de equivalências, menos concreto este ‘algo igualmente presente’ será”.

¹⁷ “El “orden” como tal no tiene contenido, ya que sólo existe en las varias formas en que es en los hechos realizado: pero en una situación de desorden radical, el “orden” está presente como aquello que está ausente: pasa a ser un significante vacío, el significante de esa ausencia”.

simples. Parece-me adequada usá-las juntas porque se completam. Na noção de multidão de Mignolo e Negri, falta a razão concreta que provoca a multidão, o que aparece em Laclau; já este, no afã de afastar-se da ideia de sujeitos pré-constituídos, retira de sua própria teoria a possibilidade de analisar cenários potenciais a partir da identificação das singularidades dispersas e excluídas. Neste ponto, portanto, se faz mister recolocar o argumento da sociedade civil, para indagar qual é a sua relação com a noção de multidão-povo. Duas questões podem servir de guia: Em que se diferencia a sociedade civil da multidão-povo? Em um cenário de sociedade civil, altamente organizada, existe espaço para se constituir multidão-povo?

A sociedade civil vis-à-vis a multidão-povo tem uma relação complexa. Em primeiro lugar a força da expressão de cada uma tem trajetórias inversas: quanto mais a sociedade civil se expressa, menos possibilidade existe de constituição da multidão-povo. Quando a sociedade civil chega a se manifestar como multidão-povo – ou seja, politicamente – tende a perder a concretude de suas diferenças. Arato aponta para a falta de espaço encontrado pela sociedade civil para continuar a ter relevância política na fase pós-socialista na Polônia e na Hungria. Particularmente na Polônia, o que ocorre é uma transformação de organizações da sociedade civil em entidades políticas: o movimento Solidariedade foi o caso mais conhecido.

Em relação à segunda questão, tanto Mignolo (com sua multidão potencial) como Negri (com a rede de singularidades) admitem a existência anterior de atores-sujeito em relação ao aparecimento da multidão-povo. Mesmo Laclau admite discursos anteriores. Todavia, deve-se ter muito presente que ambos conceitos trabalham com excluídos, que não encontram espaço na sociedade civil. A tensão entre os excluídos e a sociedade civil tem um papel central na

constituição da multidão-povo. Em momentos de crise, a sociedade civil terá menos recursos para incluir. De outra forma, sua força está em impedir a própria constituição da multidão-povo.

Em suma, se sociedades civis altamente organizadas dificultam o aparecimento dos fenômenos multidão-povo, o inverso não é, necessariamente, verdadeiro. Em cenários políticos com total ausência de organização da sociedade há grandes dificuldades em se criar as condições para o surgimento de manifestações da multidão-povo. Para discutir estas questões, nas próximas páginas tomarei como movimento central de análise o caso espanhol. A escolha foi feita em razão de variadas circunstâncias: a complexidade do movimento que permite analisar um conjunto importante de eventos; a grande quantidade de material publicado sobre o movimento; a facilidade da língua e até mesmo pelo maior conhecimento desta autora sobre a história recente espanhola. Como contraponto, tomarei de forma bem mais rápida os casos egípcio, iemenita e chileno¹⁸.

¹⁸ Os acontecimentos nos Estados Unidos tiveram grande cobertura da imprensa. *Occupy Wall Street*, pelo simbolismo que representou, foi muito divulgado – chegando em alguns momentos a parecer, na mídia, que os movimentos europeus eram consequência do americano. Não tratarei do movimento norte-americano por ser um evento com características muito distintas das que me ocupo neste artigo.

3. As manifestações multidão-povo

Espanha

O movimento espanhol em 2011 é exemplar da transformação de que trata este artigo. Conhecido como *M-15*, ou *Movimento dos Indignados*, partiu de uma convocação feita pela organização *Democraciarealya* para uma grande manifestação dia 15 de maio de 2011 nas praças da Espanha e, principalmente, na Puerta del Sol em Madrid¹⁹. Há uma crise na Europa em geral e na Espanha em especial ela se expressa em um alarmante índice de desemprego, chegando a mais de 40% entre os jovens²⁰. Esta certamente é a questão mais urgente na vida das pessoas e a principal razão pela qual vão para a rua. Na página na internet da *Democraciarealya*, os organizadores se apresentam como:

Nós, os desempregados, os mal remunerados, os subcontratados, os precários, os jovens... Queremos mudança e um futuro digno. Estamos fartos de reformas antissociais, de que nos deixam no desemprego, de que os bancos que provocaram a crise nos subam as hipotecas ou fiquem com nossas casas, de que nos imponham leis que limitam nossa liberdade

¹⁹ Na análise que se segue não discutirei a importância das redes sociais nestas manifestações, tampouco levarei em consideração o impacto de vazamento de informações através do Wikileaks. É bastante evidente que as redes sociais e as redes de informação da Internet tiveram papel relevante, principalmente na mobilização de jovens para as manifestações. Não desconsiderando a importância e reconhecendo a oportunidade de se trabalhar estas questões, abri mão, todavia, de fazê-lo, por duas razões: por falta de espaço mas, primordialmente, por entender que estas manifestações – antes de serem “efeitos” do mundo internético – são momentos de uma expressão política nova que não se explica pelo uso generalizado das redes sociais, e dos telefones celulares, apesar de todas essas formas de comunicação terem estado presentes.

²⁰ “La tasa de desempleo juvenil en España alcanzó el 43,5% en febrero de este año[2011], frente al promedio del 20,4% de Europa, con lo que uno de cada dos jóvenes españoles no tiene empleo, según recoge el Instituto de Estudios Económicos (IEE) a partir de datos publicados por Eurostat.” Disponível em: <http://www.euribor.com.es/2011/04/15>. Acesso em: 2 de maio de 2012.

em benefício dos poderosos. Acusamos os poderes políticos e econômicos de nossa precária situação e exigimos uma mudança de rumo (tradução livre)²¹.

A forma como os indignados se apresentam está longe das manifestações da sociedade civil como as ocorridas em Seattle (1999) e Gênova (2001), onde grupo organizados de “cidadãos conscientes do norte global” protestavam contra A Organização Mundial do Comércio (OMC) e contra a reunião do G8 na Itália, respectivamente. Já 2011, tratou-se de pessoas, grupos que se viam como excluídos, não havia positividade anterior, causas a defender, ideologia constituída. O que permitia a mobilização era a presença da crise econômica em suas faces mais concretas do desemprego e da perda de casas por impossibilidade de pagamento das hipotecas. Apontavam de forma muita explicita que estavam se rebelando contra poderes políticos e econômicos, mas como não identificavam estes poderes em sujeitos políticos, o discursos permanecia sem um opositor capaz de unificar a multidão em um povo. No manifesto inicial do grupo a mesma postura se repetiu:

Somos pessoas normais e comuns. Somos como tu: gente que se levanta pelas manhãs para estudar, trabalhar ou para buscar trabalho, gente que tem família e amigos. Gente que trabalha duro todos os dias para viver e dar um futuro melhor aos que nos rodeiam.

Uns nos consideramos mais progressistas, outros mais conservadores, uns crentes outros não, uns temos

²¹ “Nosotros los desempleados, los mal remunerados, los subcontratados, los precarios, los jóvenes... queremos un cambio y un futuro digno. Estamos hartos de reformas antisociales, de que nos dejen en el paro, de que los bancos que han provocado la crisis nos suban las hipotecas o se queden con nuestras viviendas, de que nos impongan leyes que limitan nuestra libertad en beneficio de los poderosos. Acusamos a los poderes políticos y económicos de nuestra precaria situación y exigimos un cambio de rumbo”. Disponível em: <http://www.democraciarealya.es/quienes-somos/>. Acesso em: 5 de abril de 2012.

ideologias bem definidas, outros nos considerados apolíticos...

Mas todos estamos preocupados e indignados pelo panorama político, econômico e social que vemos ao nosso redor, pela corrupção dos políticos, empresários, banqueiros... Pelo desamparo do cidadão a pé (tradução livre)²².

O manifesto buscou envolver o conjunto dos cidadãos – inclusive relegando a questão ideológica a um segundo plano e criando a unidade através da indignação com a corrupção de políticos, empresários e banqueiros. A denominação de “indignados” expressa muito bem esse momento, no qual, não se constrói com clareza adversários (inimigos a derrotar) no campo político, apesar de designarem culpados.

A primeira manifestação dos indignados estava muito ligada às eleições municipais que ocorreram dia 22 de maio, sendo muito reveladora da dificuldade que esta multidão tem de encontrar pontos de convergência. Fala-se de uma democracia verdadeira, mas apresentam-se propostas vagas e bastante comuns em todas as manifestações políticas contemporâneas, mesmo entre políticos conservadores. Destacam-se aqui quatro pontos apresentados no manifesto: 1. Reforma eleitoral; 2. Acusação a organizações órgãos que impediriam a efetivação real da democracia tais como “Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Central Europeu, Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), União Europeia, as agências

²² “Somos personas normales y corrientes. Somos como tú: gente que se levanta por las mañanas para estudiar, para trabajar o para buscar trabajo, gente que tiene familia y amigos. Gente que trabaja duro todos los días para vivir y dar un futuro mejor a los que nos rodean. Unos nos consideramos más progresistas, otros más conservadores. Unos creyentes, otros no. Unos tenemos ideologías bien definidas, otros nos consideramos apolíticos... Pero todos estamos preocupados e indignados por el panorama político, económico y social que vemos a nuestro alrededor. Por la corrupción de los políticos, empresarios, banqueros... Por la indefensión del ciudadano de a pie”. Disponível em: <http://www.democraciarealya.es/manifiesto-comun/>. Acesso em: 11 de abril de 2012.

de notação financeira, como a Moody's e a Standard and Poor's, o conservador Partido Popular, o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) ”; 3.Oposição ao “paulatino descrédito de instituições que dizem representar os cidadãos e foram convertidas em meros agentes de administração e gestão, ao serviço das forças do poder financeiro internacional.” E, finalmente, um 4º ponto:

Hoje, não estamos aqui para reclamar, simplesmente, o acesso a hipotecas ou para protestar contra as insuficiências do mercado de trabalho. ESTE É UM EVENTO HISTÓRICO. E, como tal, um evento capaz de legar novos sentidos às nossas ações e discursos. Tudo isto nasce da RAIVA. Mas a nossa RAIVA é imaginação, força, poder cidadão (tradução livre)²³.

O manifesto revela a dificuldade que a multidão tinha de formar uma posição capaz de construir equivalências que potencializassem o político através de um polo antagônico. Coloca-se contra o sistema eleitoral, contra instituições financeiras internacionais, contra os principais partidos políticos do país, busca maior adesão popular, tratando de afastar-se de questões específicas mesmo que ainda sejam tão amplas como “as insuficiências do mercado de trabalho,” como pode ser observado na conclusão do manifesto.

No dia 25 de maio, após as eleições municipais que fizeram vencedor o conservador Partido Popular, a *Democraciarealyá* publiciza um novo manifesto que traz um conjunto variado de demandas: a repartição do trabalho e a recusa ao aumento da idade da aposentadoria enquanto houver desemprego juvenil; o direito à habitação, incluindo a expropriação de habitações não vendidas para serem colocadas no regime de aluguel protegido; serviços públicos de

²³ Disponível em: <http://www.esquerda.net/artigo/madrid-manifesto-plural-redigido-pelos-manifestantes-da-puerta-del-sol>. Acesso em: 18 agosto de 2011.

qualidade, incluindo a supressão de gastos inúteis na administração; contratação de pessoal para os setores da saúde e do ensino, transporte público barato e ecológico; controle dos bancos, constituindo uma banca pública sob controle social com as entidades que entrarem em falência, devolvendo ao tesouro público o capital público despendido; reforma fiscal, aumentando os impostos sobre as grandes fortunas e bancos, e controlando a fraude fiscal e movimentos de capitais; liberdades cidadãs e democracia participativa, começando pela abolição da lei Sinde – que restringe a liberdade na Internet; proteção da liberdade de informação e do jornalismo de investigação; modificação da lei eleitoral para acabar com a discriminação política, incluindo a representação dos votos nulo e branco; independência judicial; democracia interna nos partidos políticos; redução da despesa militar²⁴.

O comentário do jornal *El País* um dia após esta manifestação é significativo:

Os acampados estão um pouco mais perto de encontrar o punhado de propostas com que todos os defensores do movimento se sintam identificados. Depois de se envolver na elaboração de uma longa lista de queixas com as quais dificilmente todo o mundo estará de acordo, os acampados voltaram atrás e estão retornando às suas origens. Seu esforço agora está focado em separar o trigo do joio e manter o núcleo de descontentamento. Ontem, na assembleia da tarde, os presentes acordaram um "consenso mínimo" para discutir quatro pontos, conforme explicado em seu site (tradução livre)²⁵.

²⁴ Disponível em <http://www.esquerda.net/dossier/movimento-15-m-os-indignados-de-espanha>. Acesso em 5 de janeiro de 2011.

²⁵ “Los acampados están un poquito más cerca de dar con ese puñado de propuestas con las que todos los simpatizantes del movimiento se sientan identificados. Tras enzarzarse en la elaboración de una larguísima lista de quejas con las que difícilmente todos el mundo podía estar de acuerdo, los acampados han dado marcha atrás y están volviendo a sus orígenes. Su esfuerzo se centra ahora en separar el grano de la paja y quedarse con el núcleo del descontento. Ayer, en la asamblea de la tarde, los presentes acordaron "un consenso de mínimos" para debatir sobre cuatro

A notícia do *El País* evidencia a dificuldade de se construir uma equivalência, entre todos os manifestantes, que desse um rumo ao movimento. Podemos estar aqui diante de dois fenômenos diferentes: uma sociedade civil organizada e fragmentada ou uma multidão. O caso da Espanha possivelmente é o mais exemplar porque reúne características de sociedade civil, de multidão e de busca da construção do povo, em um processo em que os acontecimentos de março de 2012 – que mencionaremos no decorrer do texto – apontam para a sua incompletude. Ao mesmo tempo em que há certo espontaneísmo na forma com que as pessoas chegaram para as manifestações nas diversas praças espanholas, há uma dificuldade de se manter o movimento pela fragmentação das demandas, que acabaram sendo acordadas em torno de quatro pontos: “reforma electoral, lucha contra la corrupción, separación de los poderes públicos y más control ciudadano sobre los políticos”. Vale chamar atenção como este movimento, que começa ao redor de uma questão econômica bem específica – o desemprego principalmente dos jovens – desliza para questões políticas.

As praças foram esvaziadas, por repressão policial, mas, principalmente, pela impossibilidade de manutenção de um movimento de ocupação por longo prazo. Entretanto, acompanhando o blog da *Democraciarealya*, vê-se que os articuladores do movimento não se desmobilizaram. Após as grandes manifestações de maio de 2011, continuaram suas atividades, com um ativismo típico de organizações da sociedade civil, tal como impedir ordens de despejos a inquilinos sem condições de arcar com os custos de suas moradias:

puntos, tal y como se explica en su web”. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2011/05/26/actualidad/>. Acesso em: 5 de janeiro de 2011.

Cerca de 50 indignados, convocados pelo Movimento 15M e pela Real Democracia, concentraram-se esta manhã em frente ao número 23 da rua do Norte, no distrito Malasaña em Madrid, para evitar que uma imobiliária expulsasse uma anciã doente e seu filho deficiente, que vivem há 55 anos em um apartamento de aluguel antigo... Sem incidentes e depois de mais 50 pessoas juntarem-se ao protesto, a família poderá respirar tranquila até 12 de setembro, a nova data de julgamento (tradução livre)²⁶.

Se este tipo de atividade parece ter mais efetividade do que os grandes protestos, entretanto, não abala as forças políticas e econômicas, que pareciam ser o foco das manifestações de maio. Mas o movimento não se limitou a este tipo de ativismo; o blog da *Democraciarealya* ocupou-se, na segunda metade do ano, em organizar uma manifestação mundial para o dia 15 de outubro de 2011. O texto de chamamento é esclarecedor das condições este tipo de movimento:

Prepare-te para outubro 15! É hora de mudar ... Em 15 de outubro, as pessoas ao redor do mundo vão às ruas e praças. Da América à Ásia, da África à Europa, as pessoas estão se levantando para reivindicar seus direitos e pedir uma autêntica democracia. Agora é hora de unir tudo em um protesto não-violento em escala global.

[...] Os poderes estabelecidos atuam em benefício de poucos, ignorando a vontade da grande maioria, sem importarem-se com os custos humanos ou ecológicos que temos de pagar. Temos de pôr fim a esta situação

²⁶ “Unos 50 indignados, convocados por el Movimiento 15-M y por Democracia Real Ya, se han concentrado a primera hora de esta mañana frente al número 23 de la calle Norte, en el barrio madrileño de Malasaña, para impedir que una inmobiliaria desahucie a una anciana enferma y a su hijo discapacitado, que viven desde hace 55 años en un piso de alquiler de renta antigua del que deben recibos por valor de 5.000 euros, según ha precisado su abogada. Sin incidentes y tras sumarse 50 personas más a la protesta, han logrado que la familia pueda respirar tranquila hasta el 12 de septiembre, fecha del nuevo lanzamiento de la sentencia”. Disponível em: www.actualidadnoticias.com/.../50-indignados. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

intolerável. Unidos em uma só voz, faremos saber aos políticos e às elites financeiras que eles servem, que agora somos nós, o povo, quem vamos decidir o nosso futuro. Nós não somos mercadoria nas mãos de políticos e banqueiros que não nos representam (tradução livre)²⁷.

Realmente, no dia 15 de outubro de 2011 houve manifestações ao redor do mundo; em alguns lugares reuniram milhares de pessoas, em outros menos de uma centena. Ao contrário das manifestações de maio, que ocupavam ilegalmente praças e ameaçavam desta forma a ordem, as manifestações programadas não resultaram em tema para a grande mídia. Fora alguns poucos e corriqueiros incidentes com a polícia, o mundo e o capitalismo continuaram seus rumos sem abalos. O texto de mobilização acima beira a megalomania, uma revolução global e pacífica, certamente, acreditando muito no poder da internet. O êxito de uma manifestação como esta era fundamental para a própria continuidade do movimento espanhol. Mas parece que nem um nem o outro tiveram sucesso.

Em suma, o movimento espanhol é inaugural em um sentido muito preciso: é um movimento de massa em uma democracia europeia, membro da Comunidade do Euro, dirigida por um partido socialista

²⁷ “Prepárate para el 15 de octubre! Ha llegado el momento de cambiar... El 15 de octubre personas de todo el mundo tomarán las calles y las plazas. Desde América a Asia, desde África a Europa, la gente se está levantando para reclamar sus derechos y pedir una auténtica democracia. Ahora ha llegado el momento de unirnos todos en una protesta no violenta a escala global. Los poderes establecidos actúan en beneficio de unos pocos, desoyendo la voluntad de la gran mayoría, sin importarles los costes humanos o ecológicos que tengamos que pagar. Hay que poner fin a esta intolerable situación. Unidos en una sola voz, haremos saber a los políticos, y a las élites financieras a las que sirven, que ahora somos nosotros, la gente, quienes decidiremos nuestro futuro. No somos mercancía en manos de políticos y banqueros que no nos representan. El 15 de octubre nos encontraremos en las calles para poner en marcha el cambio global que queremos. Nos manifestaremos pacíficamente, debatiremos y nos organizaremos hasta lograrlo”. Disponível em: <http://www.bligoo.com/explore/article/>. Acesso em: 10 de abril de 2012.

na maior parte de sua vida política democrática ²⁸. Pode ser visto, por um lado, como uma multidão de excluídos, atingidos diretamente pelo desemprego no país – como diria Negri, uma “rede de singularidades”. Mas o que é importante reter destas manifestações é que não se tratou de organizações da sociedade civil que se reuniram para protestar, mas de pessoas que se reúnem em uma praça a partir de suas singularidades, de suas relações com o cotidiano, com o trabalho, com suas necessidades básicas de sobrevivência.

Dois eventos acontecidos na Espanha após as manifestações da primavera de 2011 merecem atenção: as eleições nacionais de 20 de novembro de 2011 e a greve geral convocada para março de 2012. Os resultados das eleições reforçam o argumento acima. Decepcionados com o Partido Socialista, os espanhóis colocaram no poder o conservador Partido Popular com 44,62% dos votos contra os 28,73% dados aos socialistas. Não é particularidade da Espanha o redirecionamento para a direita frente a uma crise, devido a incapacidade dos partidos tradicionalmente ditos como de esquerda de dar conta dela. O que todavia necessita ficar claro é que este fenômeno não revela uma virada em massa à direita ao estilo dos fascismos da primeira metade do século XX, mas de uma desideologização da política, quando as manifestações de multidões não conseguem transformarem-se em atos de povo. Tanto isto realmente se verifica que em março de 2012 novamente os espanhóis estavam nas ruas, agora para se manifestarem contra o recém-empossado Partido Popular, fazendo uma das mais bem sucedidas greves gerais da atualidade. O blog da *Democraciarealya* assim convocou a população para aderir à greve chamada pelos sindicatos:

²⁸ Entre 1982, ano da redemocratização espanhola, até 2011, o PSOE governou o país de 1982 à 1996 sob a liderança do Primeiro Ministro Felipe Gonzalez e entre 2004-2011 com o Ministro José Luis Zapatero.

Como você sabe, amanhã, quinta-feira, foi convocada uma greve geral e do consumo em nosso país. Apesar de uma greve geral na Espanha só poder ser legalmente chamado por sindicatos, uma greve deve ser de todos os trabalhadores, estudantes, desempregados, jovens, idosos, consumidores... Deve ser uma greve de 99% da população, de todos aqueles afetados por cortes sociais, perda de poder aquisitivo e de direitos coletivos. E assim, a partir de *Democracia Real Ya*, nós os convidamos a participar livremente desta jornada de greve, individualmente, por meio das ferramentas do sindicalismo ou dentro de blocos críticos e alternativos que tenham sido convocados. (tradução livre)²⁹.

As notícias publicadas no jornal *El País*, em sua edição de 29 de março dão conta de 800 mil nas ruas:

No país de desemprego de 23%, com 5,3 milhões de desempregados, a reforma trabalhista imposta por decreto que barateia a demissão e os cortes históricos de gastos públicos que anunciam mais pobreza, a oitava greve geral da democracia não paralisou os principais serviços, embora tenha deixado ao governo de Mariano Rajoy uma mensagem clara de crescente agitação social contra as suas medidas anticrise. O governo calculou em 800 mil pessoas os participantes das manifestações (tradução livre)³⁰.

²⁹ “Como sabéis, mañana jueves se ha convocado una huelga general y de consumo en nuestro país. Aunque una huelga general en España solo puede ser legalmente convocada por los sindicatos, una huelga debe ser de todos los trabajadores y trabajadoras, de los estudiantes, desempleados, jóvenes, jubilados, consumidores.... Debe ser una huelga del 99% de la población, de todos los afectados por los recortes sociales y por las pérdidas de poder adquisitivo y de derechos colectivos. Y por ello, desde *Democracia Real Ya* os invitamos a participar libremente en esta jornada de huelga, de forma individual, a través de las herramientas del sindicalismo o dentro de los bloques críticos y alternativos que se han convocado al efecto”. Disponível em: <http://www.democraciarealya.es/blog/>. Acesso em: 3 de abril 2012.

³⁰ “En el país del 23% de paro con 5,3 millones de desempleados, una reforma laboral impuesta por decreto que abarata el despido y unos recortes históricos de gasto público que anuncian más pobreza, la octava huelga general de la democracia no paralizó los principales servicios, aunque dejó al Gobierno de Mariano Rajoy un nítido mensaje de creciente malestar social contra sus medidas anticrisis. El Gobierno cifró en 800.000 personas los participantes en las manifestaciones”. Disponível em: www.elpais.com. Acesso em: 18 de abril de 2012.

Os acontecimentos na Espanha de maio de 2011 até março de 2012 são exemplares das novas formas de manifestação de que estamos tratando neste artigo. Há um repetido deslocamento de organizações da sociedade civil para grandes manifestações – que tem como eixo comum um profundo descontentamento com a política econômica do país e seus reflexos no trabalho, que atinge tanto os desempregados como os trabalhadores ameaçados, o que resultou no sucesso da greve geral de 29 de março. Há nas manifestações, desde maio de 2011, um posicionamento político ainda que não claramente ideológico; são movimentos que colocam a classe política e o governo como os responsáveis pela situação, mas apesar dos organizadores conseguirem a adesão de um número muito significativo de pessoas, não conseguem construir um discurso político-ideológico capaz de constituir o que estamos chamando de “povo”. Os manifestantes espanhóis de 2011 mostram, através de seus documentos, uma postura claramente de esquerda e propuseram uma radicalização da democracia; entretanto, após suas exitosas mobilizações, o eleitor espanhol votou em um partido de direita, mobilizando-se contra esta mesma direita poucos meses após a vitória.

Primavera Árabe

Os acontecimentos no Egito tem duas características em comum com os da Espanha: a grande concentração de pessoas em um espaço público e a diversidade destas pessoas que atenderam ao chamado para mobilização. A manifestação, chamada “Dia da Ira”, foi convocada pelo *Youth Movement* e por uma página de Facebook chamada “We are All Khaled Saeid”³¹ em 25 de janeiro de 2011. O protesto chamado para o Cairo espalhou-se por todas as grandes cidades do país. No Egito, diferente da Espanha, havia uma ditadura de 30 anos que não tolerava dissidentes, o que tornou a tomada das praças pela multidão um ato de desafio e enfrentamento. Também diferentemente do país europeu, a manifestação tinha líderes bem definidos, entre os quais o jovem engenheiro de 28 anos, Ahmed Maher. Em entrevista na época das manifestações, Maher coloca uma questão central:

Existe uma lacuna geracional no Egito”, disse Maher: “A oposição está olhando para preservar a si mesmo e seus partidos. Eles se tornaram demasiado hesitante. Mas os jovens ativistas estão acesos, e eles não têm lealdade com nada, mas com a mudança...” (tradução livre)³².

Assim como na Espanha, o movimento começa pela insatisfação e descrença dos jovens na estrutura política vigente. As demandas feitas pelos organizadores refletem uma problemática próxima à

³¹ Khaled Saeid , um jovem estudante de 28 anos, foi torturado e morto pela polícia egípcia dentro de um *cybercafé* em Alexandria, em frente a muitas testemunhas. As razões da detenção, tortura e execução pública nunca ficaram esclarecidas.

³²“There is a generational gap in Egypt,” Maher said: “The opposition is looking to preserve themselves and their parties. They’ve become too hesitant. But young activists are fired up, and they have no allegiances to anything but change”. Disponível em: <http://articles.latimes.com/2011/jan/27/world/>. Acesso em: 11 de abril de 2012.

espanhola, malgrado a grande diferença entre os dois países. As palavras de um estudante da Universidade do Cairo são esclareedoras:

“Eu nunca fui interessado em política antes”, disse Islam Hashem, um pós-graduando em literatura árabe na Universidade Ain Shams, no Cairo. “Mas agora que estou prestes a me formar, eu vejo que muitas pessoas que eu conheço não têm emprego. Percebo agora que o nosso governo não está fazendo seu trabalho. A pobreza e a corrupção estão relacionadas com o fracasso do regime. Eu não sei o que vai acontecer com esses protestos, mas pelo menos é um passo (tradução livre)³³.”

Desemprego, pobreza e corrupção são os temas que se repetem nos movimentos de 2011. No Egito somava-se, como em todas as manifestações da chamada Primavera Árabe, a própria pessoa do ditador: havia uma oposição clara contra o regime de Mubarak, há 30 anos no poder. E isto também trazia para a praça pública opositores políticos organizados. O próprio exército abandona Mubarak e organiza a queda do ditador, que foi preso no dia 6 de abril. Durante todo o ano de 2011, o que aconteceu no Egito resultou em tensão entre a multidão (que deu as condições de emergência necessárias para a deposição do velho ditador) e o novo governo militar, que prometia um rápido governo de transição para a democracia – oficialmente estabelecida pelo Conselho Supremo das Forças Armadas na Declaração Constitucional de 30 de março de 2011. Também foram atores importantes nos acontecimentos a Irmandade Muçulmana e o Partido da Justiça.

³³ “I was never interested in politics before,” said Islam Hashem, an Arabic literature major at Ain Shams University in Cairo. “But now that I’m about to graduate, I see that many people I know don’t have jobs. I realize now our government is not doing its job. The poverty and corruption are all related to the failure of the regime. I don’t know what will happen with these protests, but at least it’s a step”. Disponível em: <http://articles.latimes.com/>. Acesso em: 11 de abril de 2012.

A Irmandade Muçulmana teve franca participação nos acontecimentos e se colocou como um ator central na nova ordem que se desenhava. Um de seus líderes assim se expressa, em entrevista a um canal de televisão egípcio:

Em uma entrevista no programa de TV "Studio 27", "First", primeiro canal de televisão por satélite do Egito, Al-Barr disse que "desde a primeira centelha da revolução 25 de janeiro, a Irmandade colocou os interesses do Egito acima de tudo. E assim como nós consideramos derrubar o regime corrupto, planejamos como criar para o povo egípcio um sistema para garantir uma vida de liberdade e dignidade.

Além disso, Al-Barr disse que os revolucionários egípcios, incluindo a Irmandade Muçulmana, fizeram muitos sacrifícios, a fim de construir um egípcio forte que fará face à injustiça e à corrupção.

Rumores e relatórios que circulam nos meios de comunicação afirmam o declínio da popularidade da MB egípcia, Al-Barr disse: "Ninguém jamais nos disse que a popularidade da Fraternidade está em ascensão. Na verdade, de acordo com a mídia e sua «informada» análise, nossa popularidade está sempre em declínio acentuado.

A MB não toma muito em consideração todos estes relatos e anedotas da imprensa e baseia sua popularidade no contato direto com pessoas reais, na rua e assim podemos saber se as pessoas apoiam a nossa abordagem – através da eficaz e direta (tradução livre)³⁴.

³⁴ In an interview with the TV program "Studio 27", on Egypt's "First" satellite TV channel, Al-Barr said that "Right from the first spark of the January 25 revolution, the Brotherhood put Egypt's interests high above all else. And just as we considered toppling the corrupt regime, we planned how to create for the Egyptian people a system to ensure a life of freedom and dignity.

Further, Al-Barr said that Egyptian revolutionaries, including the MB, have made many sacrifices in order to build the strong Egyptian who stands in the face of injustice and corruption.

On rumors and reports circulating in the media, which claim declining popularity of the Egyptian MB, Al-Barr said: "No-one has ever told us that the popularity of the Brotherhood is on the rise. Indeed, according to the media and its 'informed' analysis, our popularity is always in sharp decline.

"The MB does not count too much on all these media reports and anecdotes. It relies, in the measurement of its popularity, on direct contact with real people in the street. And so we know whether people support our approach – through effective

Três pontos são fundamentais nesta entrevista. Em primeiro lugar, o papel de construtor da nova ordem que a Irmandade reivindica; em segundo, o reconhecimento de que havia outras forças na revolução, em uma clara abertura para compor esta nova ordem; em terceiro, o fato de enfatizar a popularidade da organização em contraste ao que a mídia estaria informando. Apesar do objetivo neste artigo não ser chegar até os acontecimentos que antecedem as eleições de maio de 2012 no Egito, um deles é particularmente importante: a criação do Partido da Justiça:

Lançado em junho de 2011 por membros de diferentes movimentos de jovens que participaram do levante de 2011, incluindo Kefaya e do Movimento Jovem 6 de Abril, al-Adl rejeitou rótulos ideológicos. Ele salienta que o amor pelo Egito deve substituir interesses ideológicos rígidos. Mostafa Naggar, um blogueiro proeminente e membro fundador do partido, tem insistido que a próxima eleição não pode ser disputada por motivos competitivos e ideológicos, mas com base na cooperação entre as partes para realizar os objetivos da revolta e evitar o ressurgimento de antigos membros do Partido Democrático Nacional. O partido tentou tomar uma posição centrista entre islamitas e liberais, argumentando a favor de um estado civil, mas observando que não há separação entre religião e Estado no Islã (tradução livre)³⁵.

and direct interaction. Disponível em: <http://www.ikhwanweb.com/>. Acesso em: 10 de abril 2012.

³⁵ “Launched in June 2011 by members of different youth movements that participated in the 2011 uprising, including Kefaya and the April 6 Youth Movement, al-Adl has rejected ideological labels. It stresses that love for Egypt should override rigid ideological interests. Mostafa Naggar, a prominent blogger and founding member of the party, has insisted that the next election not be fought on competitive and ideological grounds but based upon cooperation between the parties to realize the goals of the uprising and prevent the resurgence of former members of the ruling National Democratic Party. The party has tried to take a centrist position between Islamists and liberals, arguing for a civil state but noting that there is no separation of religion from the state in Islam”. Disponível em: <http://egyptelections.carnegieendowment.org/>. Acesso em: 12 de abril de 2012.

O partido da Justiça é fundado pelos movimentos jovens que haviam participado das manifestações de janeiro, e isto é um diferencial muito marcante da construção de um discurso mais unificado no Egito se comparado à Espanha – onde os jovens não se articularam politicamente após as manifestações. Também vale destacar a menção à não-ideologia do partido, baseada na necessidade de se construir uma grande união (um povo) para impedir que as velhas forças se rearticulassem.

Inspirados no Egito, os eventos no Iêmen tiveram início com a manifestação de 3 fevereiro de 2011 e foram chamados por um grupo de jovens que se auto-denominaram “A Juventude da Revolução”. Atendendo à convocação, milhares de populares se reuniram em protestos na capital do país, Sana. As causas não estão distantes das que provocaram as manifestações na Espanha e no Egito:

Os protestos começaram no mês anterior, depois que o governo anunciou projetos de emendas constitucionais para permitir que o presidente Ali Abdullah Saleh, chefe de estado desde 1978 – primeiro como presidente do Iêmen do Norte e, em seguida, do unificado Iêmen – concorresse às eleições presidenciais para mandatos ilimitados. Mas eles também foram alimentados pela frustração com a corrupção, o desemprego e a repressão das liberdades no país, e em parte inspirados pelos acontecimentos na Tunísia e no Egito (tradução livre)³⁶.

Novamente estão presentes jovens, governo corrupto, desemprego e repressão. Em todas as revoltas, esses têm sido ingredientes

³⁶ “Protests had begun the previous month after the government announced draft constitutional amendments to allow President Ali Abdullah Saleh, head of state since 1978 – first as President of north Yemen and then of unified Yemen – to run for Presidential elections for unlimited terms. But they were also fuelled by frustration at corruption, unemployment and repression of freedoms in the country, and partly inspired by events in Tunisia and Egypt”. Disponível em: <http://www.amnesty.org/fr/library/>. Acesso em: 29 de março de 2012.

essenciais, que também expressam a descrença da população jovem na política convencional. As manifestações no Iêmen adquiriram rapidamente um caráter não só de oposição ao governo, mas de revolução de costumes. Na multidão que acampou nas praças, havia um ator completamente novo para a realidade de um país muçulmano – as mulheres estavam presentes. As notícias das manifestações dão conta desta inusitada presença:

As mulheres se estabeleceram em um ponto abaixo do palco no meio da Change Square. Mas com o passar dos dias, a "seção das mulheres" ficou fora dos limites para os homens. Uma cerca subiu em torno dela. Em seguida, esteiras de palha foram penduradas em cima do muro para esconder as mulheres. Policiado por homens barbudos, a tradicional segregação de gênero do Iêmen insinuou-se para o centro da revolta. As mulheres estão lutando para manter exigências de seus direitos no centro da insurreição do Iêmen e resistindo aos esforços para colocá-las de lado. O principal objetivo dos protestos é o fim do presidente Ali Abdullah Saleh e seu regime, em vigor há quase 33 anos. Mas os liberais que lançaram a campanha há nove meses sempre tiveram esperanças mais amplas para envolver a mudança social em um país onde tribo e religião dominam, não importa quem esteja no poder (tradução livre)³⁷.

A presença das mulheres no espaço público em Sana apresenta uma novidade importante na medida em que transforma o conteúdo da luta. Não se estava somente lutando contra um ditador que se mantinha no poder por mais de 30 anos, mas também por uma

³⁷ “The women settled into a spot below the stage in the middle of Change Square. But as the days passed, “the women’s section” became off-limits to men. A fence went up around it. Then straw mats were slung over the fence to conceal the women. Policed by bearded males, Yemen’s traditional gender segregation had insinuated itself into the center of the revolt. Women are fighting to keep demands for their rights at the center of Yemen’s uprising and resist efforts to sideline them. The main goal of the protests is an end to President Ali Abdullah Saleh and his regime, in place for nearly 33 years. But the liberals who launched the campaign nine months ago have always had broader hopes for blanket social change in a country where tribe and religion dominate, no matter who is in power”. Disponível em www.huffingtonpost.com/.../yemen-uprising-wo. Acesso em 10 de abril 2012.

mudança cultural de profundidade, que conferisse à mulher a condição de cidadã. As palavras de uma manifestante são expressivas do momento que o país estava vivendo:

"Eles estão excluindo sistematicamente nós mulheres", disse Wameedh Shaker, que usa a imagem de marca da feminilidade iemenita liberal - jeans, casaco na altura do joelho e um lenço cobrindo os cabelos. Ela lembra as boas-vindas emocionantes para essa primeira marcha. "Sentimos que tudo o que podiam sonhar se tornaria realidade", disse Shaker, uma mãe de 31 anos de idade. "Vir para a praça era como ir a um paraíso de respeito e compaixão. Era como se os melhores homens e mulheres de Yêmen estivessem reunidos em um só lugar" (tradução livre)³⁸.

Aqui é possível perceber que não se tratou de uma manifestação de multidão pura e simples, mas de um movimento que trazia grupos diferentes e que buscava criar equivalência entre a situação do governo (da estrutura do poder político) e a condição da mulher. A frase da entrevistada Walmeedh Shaker, "os melhores homens e mulheres do Iêmen juntaram-se em um lugar", é uma busca de construção de equivalência.

A Espanha, o Egito e o Iêmen, malgrado suas diferenças, apresentam características comuns em suas manifestações: as três partem de manifestações típicas de multidão contra o que se poderia chamar de "estado de coisas", resumido como um confronto com as forças políticas no poder e as políticas por elas engendradas. Todas geraram mudanças nos governos; na Espanha o Partido Socialista perdeu o

³⁸ "They are systematically excluding us women," said Wameedh Shaker, who wears the hallmarks of liberal Yemeni womanhood – jeans, knee-length coat and a scarf covering her hair. She remembers the exhilarating welcome for that first march. "We felt like everything we can dream of will come true," said Shaker, a 31-year-old mother of one. "Coming into the square was like going to a paradise of respect and compassion. It was like the best men and women of Yemen gathered at one place". Disponível em: www.huffingtonpost.com. Acesso em: 10 de abril 2012.

governo após longos anos, no Egito e no Iêmen os ditadores perderam o poder. Ainda cito, mesmo que rapidamente, outra experiência de manifestação popular acontecida em 2011 – a do Chile – e tratar de compará-la com os casos até aqui tratados. O país latinoamericano serve de interessante contraponto ao que foi visto nas páginas anteriores.

Chile

As manifestações do Chile em 2011, diferentemente das três anteriores, partiu de uma questão específica – o sistema educacional chileno. Foram primeiramente convocadas pela Federação de Estudantes da Universidade do Chile (FEUCH), a que se juntaram os estudantes da Universidade Católica, os estudantes do ensino médio, e o Conselho de Reitores das Universidades Chilenas. Todas as manifestações confrontaram o governo conservador do Presidente Sebastián Piñera, que ao mesmo tempo em que reprimia e prendia militantes nas grandes manifestações em Santiago, sentava à mesa com dirigentes estudantis para tentar uma solução. No que pese cada uma das organizações envolvidas nos eventos de 2011 terem demandas específicas, há um discurso homogêneo que articulava todas as carências e problemas do país à política neoliberal do governo; este, por sua parte, tratou as questões como específicas, tentando desarticular o movimento estudantil em Santiago de um movimento generalizado contra o governo.

A maior liderança do movimento foi a jovem estudante universitária Camila Vallejo, presidenta da FEUCH e membro do Partido Comunista chileno. Sobre uma possível manipulação do partido, respondeu:

Eu creio que essas críticas não têm a real dimensão sobre o que está acontecendo agora, porque vai além disso. Há um partido que está trabalhando com um amplo movimento social, e as críticas não têm justificativa alguma, e é sim uma tentativa desesperada de dividir a movimento (tradução livre)³⁹.

O movimento estudantil logrou grande simpatia popular, pois a privatização da educação é um tema que atinge grande parte da população, tanto os estudantes como os adultos que têm filhos em idade escolar. Entretanto, mesmo com manifestações de apoio de outros sindicatos e federações, o movimento não conseguiu transformar suas demandas específicas em demandas gerais da população, em contraposição ao projeto neoliberal chileno. O apoio conseguido foi de solidariedade, não de agregação de outras lutas. Artigo do jornal *Le Monde* de fevereiro de 2012 comenta o pouco resultado do movimento estudantil.

Esse movimento foi, sem dúvida, o de maior impacto social, político e cultural. Alcançou muito pouco, quase nada no plano reivindicatório, porque o governo só "concedeu" reformas cosméticas ao modelo de "mercado da educação" já que não poderia atender à solicitação dos estudantes e seus aliados, sob pena de pôr em causa todo o modelo neoliberal. Mas foi muito bem sucedido em termos instalar na opinião pública a preocupação com a educação como uma prioridade nacional, questionando as características essenciais do modelo vigente, tais como lucro, a desigualdade e o papel meramente subsidiário do estado (tradução livre)⁴⁰.

³⁹ "Yo creo que esas críticas no tienen real asidero de lo que está pasando ahora, porque esto va más allá de eso. "Hay un partido que está trabajando en conjunto con un movimiento social amplio, y es algo que no tiene justificación alguna y es más bien un intento desesperado para tratar de dividir el movimiento", dijo a BBC Mundo. Disponível em http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2011/07/110707_chile_universitaria_protestas_amab.shtml. Acesso em 29 de março 2012.

⁴⁰ "Este movimiento fue, sin duda, el de más impacto social, político y cultural. Logró muy poco, casi nada en el plano reivindicativo porque el gobierno sólo

Mesmo com todas as diferenças apontadas em relação aos três primeiros movimentos comentados, há duas características comuns: a presença de jovens como os promotores das manifestações e o repúdio aos pactos políticos vigentes nos diversos países. Manifestações populares no mundo moderno tem uma longa história, portanto esta não é uma novidade, mas tais manifestações trazem consigo novos elementos: jovens em diferentes partes do mundo, com histórias, culturas muito distintas, organizam manifestações populares que pretendem-se supra-partidárias ou não-partidárias, colocam-se fora do jogo político institucional e coincidentemente falam contra o neoliberalismo, o desemprego e a corrupção.

“concedió” reformas cosméticas al modelo de “educación de mercado” ya que no podía satisfacer el petitorio de los estudiantes y sus aliados, so pena de poner en riesgo todo el modelo neoliberal. Pero fue muy exitoso en términos de instalar en la opinión pública la preocupación por la educación como tema de prioridad nacional, cuestionando características esenciales del modelo imperante como el lucro, la desigualdad y el rol meramente subsidiario del Estado”. Disponível em: <http://www.rebellion.org/docs/>. Acesso em: 12 de abril de 2012.

4. Notas conclusivas

Na primeira parte deste artigo, chamei atenção para a novidade que representaram os movimentos populares ocorridos no ano de 2011, caracterizando-os como distintos das manifestações da sociedade civil dos últimos 30 anos. Para avançar no argumento, examinei as teses de três estudiosos da sociedade civil e suas perspectivas críticas (ARATO, 2000; YOUNG, 2000; CHANDHOKE, 2003) e as confrontei com as noções de multidão (MIGNOLO, 2010; NEGRI, 2008) e de povo (PANIZZA, 2005; LACLAU, 1996,2005).

Na segunda parte do artigo, a partir do exame do caso espanhol, estabeleci correlações com os casos do Egito, do Iêmen e do Chile. Neste momento, à guisa de conclusão, levantarei quatro pontos:

1. As manifestações de 2011 representam uma novidade na luta política contemporânea, que se difere da atuação da sociedade civil e desafia de forma muito clara o pacto que permitia a reprodução de uma elite política, tanto nas democracias como nas ditaduras. Este novo patamar se concretiza em grandes manifestações populares, que ao mesmo tempo em que apresentam conteúdos políticos evidentes, distanciam-se de posicionamentos políticos ideológicos tradicionais, mesmo dos partidos do campo da esquerda, mais afeitos a este tipo de expressão política.
2. A avassaladora presença de jovens em todas as manifestações aponta para duas realidades: a primeira é de um *gap* geracional entre os “donos de poder” e os ativistas de 2011; a segunda, da existência uma população adulta que possivelmente tenha desfrutado de algumas benesses dos governos totalitários e dos efêmeros êxitos econômicos do neoliberalismo. Seu ativismo político foi nulo, seu ativismo

social variou de posturas militantes minoritárias em movimentos sociais a um tipo de preocupação privada e quase familiar com a qualidade do planeta para os seus netos.

3. Tais características, creio, me autorizam a manter a noção híbrida de multidão-povo, na medida em que explicita o meio-termo em que se situam estes movimentos. À exceção do Chile, todos provocaram mudanças no campo político, mas não tiveram espaço nos novos arranjos. A “multidão” não se transformou em “povo”. Este corpo híbrido, quando voltou para casa, era novamente uma “rede de singularidade” disposta, ou não, a novos chamamentos.

Finalmente, cabe reafirmar que as escolhas dos casos mencionados foram de ordem pragmática. Outros movimentos populares igualmente importantes poderiam ter sido elencados, tais como os da Tunísia, Líbia, Bahrein e até mesmo as manifestações de jovens pobres em Londres ou dos anti-capitalistas nos Estados Unidos. Dentro do contexto do que aconteceu em 2011, o fenômeno obedeceu a uma dinâmica muito próxima em todos os lugares, malgrado as diferenças abissais entre os países e as consequências distintas que provocaram.

Referências

- ARATO, Andrew. *Civil society, Constitution and Legitimacy*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- CHALLAND, Benoit. *The counter-Power of Civil Society and the emergence of a New Political Imaginary in the Arab World*. *Contellations*, Volume 18 n. 3: 271–283, 2011.
- CHAMPAGNE, Patrick. *Formar A Opinião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHANDHOKE, Neera. *The Conceits of Civil Society*. Oxford: Oxford Press, 2003
- GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época de transición*. Buenos Aires: Paidós, 1962.
- HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia – entre facticidade e validade*. Vol II. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 2003.
- HERMET, Guy. *Le Populisme dans le Monde*. Paris: Fayard, 2000.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipacion y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996.
- _____. *La Razon populista*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005
- MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones el Signo, 2010.
- NEGRI, Antonio. *Empire and Beyond*. London: Polity, 2008.
- PANIZZA, Francisco. *Introduction: Populism and the Mirror of Democracy*. In: PANIZZA, F. (org). *Populism and the Mirror of Democracy*. London: Verso, 2005.
- YOUNG, Iris. *Inclusion and Democracy*. Oxford: Oxford Press. 2000.
- ZIZEK ,Slavoj. *Em defesa das Causas Perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Páginas da Internet

- <http://www.euribor.com.es/2011/04/15/> . Acesso em 2 de maio de 2012.
- <http://www.democraciarealya.es/quienes-somos/> . Acesso em 5 de abril de 2012.
- <http://www.democraciarealya.es/manifiesto-comun/> . Acesso em 11 de abril de 2012.
- <http://www.esquerda.net/artigo/madrid-manifiesto-plural-redigido-pelos-manifestantes-da-puerta-del-sol> . Acesso em 18 agosto de 2011.
- <http://elpais.com/elpais/2011/05/26/actualidad/> . Acesso em 5 de janeiro de 2011.
- <http://www.actualidadnoticias.com/.../50-indignados> . Acesso em 10 de janeiro de 2012
- <http://www.bligoo.com/explore/article/> . Acesso em 10 de abril de 2012.
- <http://www.democraciarealya.es/blog/> . Acesso em 3 de abril 2012.
- <http://www.elpais.com> . Acesso em 18 de abril de 2012.
- <http://articles.latimes.com/2011/jan/27/world/> . Acesso em 11 de abril de 2012.
- <http://www.ikhwanweb.com/> . Acesso em 10 de abril 2012.
- <http://egyptelections.carnegieendowment.org/> . Acesso em 12 de abril de 2012.
- <http://www.amnesty.org/fr/library/> . Acesso em 29 de março de 2012.
- www.huffingtonpost.com/.../yemen-uprising-wo . Acesso em 10 de abril 2012.
- www.huffingtonpost.com . Acesso em 10 de abril 2012.
- http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2011/07/110707_chile_universitaria_protestas_ab.shtml . Acesso em 29 de março 2012.
- <http://www.rebellion.org/docs/> . Acesso em 12 de abril de 2012.



COMPOLÍTICA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE PESQUISADORES EM
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Diretoria da Associação | Director Board

Presidente | President

Fernando Lattman-Weltman (UERJ)

Vice-Presidente | Vice-President

Arthur Ituassu (PUC-Rio)

Secretária Executiva | Executive Secretary

Kelly Prudêncio (UFPR)

Corpo Editorial | Editorial Board

Coordenação Editorial | Editorial Coordination

Alessandra Aldé (UERJ) & Maria Helena Weber (UFRGS)

Editores Executivos | Executive Editors

Camilo Aggio (UFBA), Diógenes Lycarião (UFC), Rafael Cardoso Sampaio (UFPR) & Viktor Chagas (UFF)

Editoras Assistentes | Assistant Editors

Ana Angélica Soares (FGV), Fernanda Sanglard (UERJ) & Isabele Mitozo (UFPR)

<<http://compolitica.org/revista>>

A Revista Compolítica é uma revista eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política

[Revista Compolítica is an electronic journal published by the Brazilian Association of Political Communication Scholars]

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

[To cite this article, please use the following reference]

PINTO, C. R. J. *Multidão-povo: a propósito da tomada das praças ao redor do mundo em 2011*. In: **Revista Compolítica** 5 (2), 2015.

